

A SOCIEDADE DOS EXCLUÍDOS E OS DESAFIOS DE SUPERAÇÃO DA EXCLUSÃO EM CASAS DE ACOLHIMENTO

Autora: Dione Oliveira de Souza Lira; Orientadora: Quézia Vila Flor Furtado

*Universidade Federal da Paraíba
adrianoedione69@gmail.com*

Resumo: O presente trabalho propõe refletir sobre a experiência vivenciada no Programa de Educação Tutorial - PET/ Conexões de Saberes - Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, tendo como campo de atuação a mediação educacional com adolescentes residentes em casas de acolhimento. Vimos aqui ampliar o diálogo sobre o sentido de acolhimento realizado nas casas, porque entendemos que, ter onde morar nem sempre significa inclusão e participação. Neste caso, observamos que a retirada desses adolescentes de suas famílias em situação de vulnerabilidade, pelo risco que correm, seja por influência das drogas, por maus tratos ou por violência física ou sexual, nem sempre significa dizer que estarão seguros, e livres de tais problemas. As relações afetivas são diretamente atingidas, causando problemas e transtornos, que algumas vezes são até irreversíveis. Para o desenvolvimento deste artigo, utilizamos como fonte de pesquisa alguns autores referenciais, que discutem a realidade de exclusão nas casas de acolhimento como também o desempenho escolar de crianças e adolescentes, é uma pesquisa de cunho bibliográfica e descritiva. Com o objetivo de trazer uma reflexão a cerca das dificuldades vivenciadas por esses adolescentes nas casas de acolhimento, que em seu perfil se apresentam como acolhedoras de crianças e adolescentes, mas que, em alguns casos, podem agravar a exclusão que já vivenciam estes sujeitos. As dificuldades escolares acentuam-se, pela falta de participação e relação entre escola e família. As emoções tornam-se conturbadas, as festas e comemorações escolares, é um tormento algumas vezes, quando não se tem o resultado esperado de correspondência da família. As políticas públicas realizadas com as famílias em vulnerabilidade precisam ser revistas. Os funcionários das casas de acolhimento precisam ser profissionais melhor qualificados, é necessário incluir pedagogos em sua gama de profissionais que lhe dão com esses adolescentes, para auxilia-los pedagogicamente em suas dificuldades educacionais. Precisamos repensar o modelo de acolhimento, para que ao invés de acolher e cuidar, não excluir e reprimir.

Palavras-chave: Casa de acolhimento, exclusão, desafios de superação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe refletir sobre a experiência vivenciada no Programa de Educação Tutorial - PET/ Conexões de Saberes - Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, tendo como campo de atuação a mediação educacional com adolescentes residentes em casas de acolhimento. A necessidade surgiu em observação na casa de acolhimento, a partir da dificuldade da relação vista nas adolescentes e seus conflitos existentes. Com o objetivo de ampliar o diálogo sobre o sentido de acolhimento realizado nas casas, porque entendemos que, ter onde morar nem sempre significa estar protegido e incluso nas relações familiares e participação ativa nas mesmas.

Neste caso, observamos que a retirada desses adolescentes de suas famílias em situação de vulnerabilidade, pelo risco que correm, seja por tráfico, influencia no uso das drogas, por maus tratos ou por violência física ou sexual, nem sempre significa dizer que estarão seguros, e livres de tais problemas.

Para o desenvolvimento deste artigo, trazemos uma reflexão a cerca das dificuldades vivenciadas por esses adolescentes nas casas de acolhimento, que em seu perfil nas casas de acolhimento se apresentam como acolhedoras de crianças e adolescentes, mas que, em alguns casos, podem agravar a exclusão que já vivenciam estes sujeitos.

As relações afetivas para com suas famílias, na visão dos adolescentes, são incompreensivelmente quebradas algumas vezes, ações impostas sobre essas crianças e adolescentes não por que eles pediram, mas na maioria das vezes contra a própria vontade deles. O que faz gerar neles um desejo de retorno ao seio familiar. A falta de afetividade familiar, as dificuldades escolares acentuam-se, pela ausência da participação e relação entre escola e família. As emoções são diretamente atingidas, as festas e comemorações escolares, tornam-se um tormento.

A aproximação com as adolescentes nos faz refletir sobre suas dificuldades, para assim manter um relacionamento saudável com as mesmas, conduzindo-as também a participação de oficinas das várias áreas do conhecimento, que é uma das atuações do projeto com o foco de extensão entre universidade e comunidade, para proporcionar uma forma de incentivo para a escolha assertiva de uma profissão, com uma proposta de investimento futuro na vida dos adolescentes acolhidos. O mesmo intenciona trazer os excluídos socialmente e os acolhidos excluídos, como um desafio a ser vencido.

METODOLOGIA

Em um período de dois meses em contato com adolescentes em casas de acolhimento nos faz refletir sobre as necessidades que esses adolescentes passam diariamente. Trabalhamos em uma casa de acolhimento em conjunto com a coordenadora da casa, que nos deu liberdade para executarmos um trabalho pessoal de acompanhamento. Com o objetivo de desenvolver acompanhamento escolar personalizado, buscando saber como eles estão na escola e quais suas dificuldades de aprendizagem existente. Com uma abordagem bibliográfica e descritiva.

Identifica-se como bibliográfica por “[...] partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2008, p. 50) Considerando que nossa base de reflexão partiu de leituras de autores que discutem com uma realidade de exclusão incluyente como diz Gentili (2009) e Rapoport (2013). Identificamos também com a abordagem descritiva, por ter como “[...] objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28). Por esta abordagem é que descrevemos ações realizadas como mediadores educacionais junto a adolescentes residentes em casas de acolhimento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1- A SOCIEDADE DOS EXCLUÍDOS

Nossa realidade brasileira tem apresentado grande desnivelamento quanto à desigualdade social, mas queremos nos concentrar em uma parcela da sociedade que vive a margem da sociedade. Essa sociedade é a sociedade dos excluídos, também conhecida como pessoas que vivem em vulnerabilidade social, Prati, Couto e Koller definem

A vulnerabilidade social pode ser expressa no adoecimento de um ou vários membros, em situações recorrentes de uso de drogas, violência doméstica e outras condições que impeçam ou detenham o desenvolvimento saudável desse grupo. Vulnerabilidade social é uma denominação usada para caracterizar famílias expostas a fatores de risco, sejam de natureza pessoal, social ou ambiental, que coadjuvam ou incrementam a probabilidade de seus membros virem a padecer de perturbações psicológicas. (*Apud* RAPOPORT p. 2)

As pessoas que sofrem com a vulnerabilidade social em sua maioria só tem espaço na mídia nos programas policiais, quando há mortos, evidenciando o sangrento, alimentando a mesma sociedade excluída, tornando normal, o que é anormal. Ou, nos períodos de campanha política quando os mesmos querem denegrir a imagem dos concorrentes, enfatizando o que não fizeram, assim passam-se os governos e perpetua a problemática. Sabemos que ainda há nos governos pessoas que fazem um trabalho sério e comprometido com a população carente.

É esta sociedade que não teve espaço para outro tipo de vida, nem opção, em muitos casos, para uma vida diferente. Essa sociedade vítima da ausência de políticas públicas que são levados para seu alívio momentâneo chamado vício. Vício da droga, do álcool, da violência (porque só recebeu violência), vício da pornografia (que os leva a pedofilia, ou a violência sexual dos mais fragilizados), vício da vida fácil (o que na verdade não tem nada de fácil).

Nesta sociedade dos excluídos encontramos como registra o jornal G1 PB (2016) que 42% das vítimas de violência na Paraíba são crianças de até 06 anos de idade, fase conhecida como primeira infância. Além do número exorbitante de 139 crianças vítimas de violência sexual contra crianças e adolescentes no ano de 2015 na Paraíba como registra o G1 PB (2015), e a maior parte das vítimas é do sexo feminino, os crimes acontecem muitas vezes dentro da casa da criança.

[...] A criminalidade, as drogas ilícitas, o álcool, o desemprego e a baixa escolaridade dos pais são influenciadores diretos sobre o desenvolvimento da criança, que vivendo em situação de vulnerabilidade social, provavelmente estará exposta a muitos dos indicadores citados. (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2010 *Apud* RAPOPORT e DA SILVA, 2013, p.14)

A influência dos pais sobre crianças e adolescentes na maioria dos casos são fatores determinantes sobre o futuro das crianças. Muitos pais vítima dessa sociedade dos excluídos, e as crianças vítimas de violência física, em seus lares, como fuga, muitas delas vítimas de abuso sexual, que os autores também foram de algum modo, vítimas do mesmo processo. Para protegê-las, deste meio chamado vicio e vulnerabilidade social diz o Art. 5º do ECA “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”.

Como medida de proteção retiram-se as crianças do seio familiar, como apresenta o Art. 5º do ECA porque essas crianças habitavam em vulnerabilidade social, de qualquer meio que os façam correr riscos, mas agora postas nas casas de acolhimento, que chamo de os “excluídos acolhidos”. A este respeito Rapoport (2013, p. 14) afirma que são questões influenciadoras no desenvolvimento, mas agora já nas casas de acolhimento, já não mais sofrendo com a violência física, o perigo da droga e sua influencia, mas dentro das casas de acolhimento sofrem com a fixação e impregnação do sentimento de abandono familiar, abandono emocional, a mercê da violência psicológica sofrida pela voz alheia a voz familiar, e sem direção da voz de autoridade sobre suas vidas.

[...] de acordo com os estudos realizados por Vygotski, crianças que se desenvolvem em ambientes desfavoráveis, que presenciam e sofrem práticas violentas em família, com pouco estímulo por parte dos pais, tendem a ter seu desenvolvimento prejudicado e a serem influenciadas pelas mediações negativas que o meio ao qual estão inseridas lhes submete. Sopelsa (2000, p.34) cita que “desde o nascimento até a morte, o homem sofre influências das pessoas, da sociedade, do mundo, e reage a estas influências de acordo com as raízes que lhe foram impressas, ao longo de sua existência, pelas suas vivências e sentimentos”, fundamentando o comportamento das crianças que, ao apresentarem atitudes agressivas, possivelmente estão reproduzindo o que vivem em suas casas.” (RAOPORT, 2013 p. 4)

A família e o descontrole existente nela devido à vulnerabilidade social são influenciadores diretos na formação da criança, tanto influencia positiva como negativa. As medidas de “proteção” em alguns casos, não efetiva o que foram destinadas a fazer, mas aumentam a probabilidade de uma geração desgovernada e sem limites. Afinal, o seio familiar que os ensinaria, de lá eles já foram arrancados, pelo risco que vivenciam e são expostos. Essas soluções imediatas de um governo que não assume seu papel de protetor e conservador da vida humana e da família nos apresenta outra realidade de uma geração violenta fisicamente, emocionalmente e psicologicamente. Atingida por uma realidade tão cruel que não foi por eles escolhida. Tornando-se assim, transmissora para a sociedade vigente de desesperança e abandono.

2- OS EXCLUÍDOS ACOLHIDOS E OS DESAFIOS DE SUPERAÇÃO

É sobre essa ótica que observamos as casas de acolhimento, crianças que não mais sofrem a violência física, sexual, e o perigo da droga e sua influencia, mas outro acontecimento se abre na vida das crianças e adolescente residentes em casa de acolhimento, a fixação e impregnação do sentimento de abandono familiar, emocional, sentimental.

É o que observamos em acompanhamento de duas adolescentes que vivem seus conflitos pessoais, relacionais e escolares em uma casa de acolhimento de João Pessoa. Nossos objetivos iniciais com essas adolescentes podemos dizer que foram atendidos quanto à aproximação das adolescentes, saber os estágios e dificuldades escolares, para assim projetarmos no semestre seguinte uma melhor qualidade na aprendizagem das mesmas.

As observações feitas na casa de acolhimento nos leva a refletir sobre questões em relação à família, a profissão, e as relações interpessoais. Partindo do princípio da necessidade intrínseca de afetar e deixar afetar-se:

Afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa que o ser humano pode participar, começa no momento em que o sujeito se liga ao outro pelo amor. Nesse sentido, a família e a escola são parceiras complementares nesse processo. A afetividade acontece quando se tem algum meio de aproximação, e é construído e verificado através da relação com o outro. E a afetividade é o único meio, ou pelo menos a tentativa de extinguir a distância entre sujeito e objeto. (CAPELATO *Apud* LIRA, 2016)

Como ser participante em afeto com duas adolescentes que não permitem serem afetadas? Afinal, sofreram perdas e abandono. Os que deveriam proteger foram os mediadores para conduzirem a vulnerabilidade social. Como se colocar no lugar destas duas jovens, que esperam de uma sociedade nada além de suas próprias experiências, onde as referencias de segurança e proteção, deveriam ser a voz de autoridade a ser ouvida, mas pelo meio do caminho da vida foram perdidas. Sociedade? Quem é a sociedade para essas pessoas? Não, não há como elas as conhecerem fora do que a elas foi apresentado. Seja pela experiência de vida, seja pela mídia televisiva, com suas apresentações sangrentas e corruptas.

Um exemplo disso foi às primeiras visitas feitas a casa de acolhimento, todas as duas visitas foram sem sucesso. A primeira adolescente não quis me receber, pelos motivos apresentados como desconfiança, e como acreditar em alguém se as pessoas pelas quais

deveriam cuidar não o fizeram, então como acreditar em alguém que nunca viu na vida? Todas essas compreensíveis pela situação.

Já a segunda adolescente permanecia evadida, fora da casa, porque havia fugido pela facilidade de tornar-se dona de sua própria vida, e expansiva em seus próprios desejos e literalmente sem limites. Quando não temos voz que nos conduzem no caminho, nos tornamos proprietários dos nossos próprios caminhos, a probabilidade é muito maior de sermos levados a caminhos tortuosos. Porque a voz representa respeito, relação interpessoal, limite e compreensão do outro.

Foi o que percebi nas visitas posteriores, com mais duas evasões da segunda adolescente, em um espaço de tempo de dois meses. Com a primeira adolescente, vemos uma tentativa de resiliência. Nesse caso, a dificuldade já não era somente com os problemas encontrados quanto a família, moradia e afeição. Mas a escola ainda era uma tentativa de mudança, mas a escola é que não correspondia a essas expectativas, devido ao modelo de educação, que não sabe lidar com o diferente.

Na educação é necessário que a reflexão sobre o homem e a análise crítica do meio onde vive esse indivíduo, possa gerar a aproximação entre as partes para assim transformar em afetividade. E essas ações no processo de ensino e aprendizagem são imprescindíveis para uma aprendizagem significativa. O ensino nessa perspectiva é iniciado e construído pela realidade circundante, seja de aproximação ou de distanciamento. (LIRA 2016, p.07)

A questão é que a escola ainda exclui, quando deixa de considerar a dificuldade que esses adolescentes apresentam no ambiente escolar devido a todo o contexto de conflitos familiares e mudança de moradia. Já não mais em sua própria casa e sim em casas de acolhimento. São muitas mudanças na cabeça do adolescente. E quando esse adolescente chega na escola, e não corresponde com o modelo de comportamento comum ao da sociedade, é visto como o aluno rebelde e mal comportado.

Assim a escola como forma de repreender e corrigir o aluno, o disciplina três dias ou até mesmo uma semana sem poder ir na escola como castigo para que o aluno mude de comportamento. A grande pergunta é, será que esse objetivo é alcançado ou na verdade essa ação faz com que o aluno não queira mais retornar a escola? Afinal o aluno perdeu conteúdo, deixou de aprender, foi repreendido publicamente como aluno mal comportado.

Uma metodologia da exclusão e não de inclusão, como Gentili (2009) apresenta que o problema aparente é só a ponta do iceberg, e não como se fosse somente ele a causa última

do problema, e não é bem isso que observamos em adolescentes advindos de casas de acolhimento.

Furtado (2015, p. 95) traz uma discussão relevante em que os principais elementos percebidos relativos ao desempenho escolar quanto a dificuldade de aprendizagem, desistência e reprovação está intrinsecamente ligados com a indisciplina e desmotivação. O que os leva ao distanciamento com o seio escolar e conseqüentemente com os professores, atribuindo somente a eles a responsabilidade de seus próprios atos, desconsideram toda realidade vivida e experienciada pelas crianças e adolescentes de casa de acolhimento.

Diante de tal desafio, o Projeto Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, tem em uma de suas ações as oficinas das várias áreas do conhecimento, para que tenham a oportunidade de projetar seu futuro. Pensando uma forma de alcançar esses adolescentes das casas de acolhimento, trouxemos a ideia das oficinas, onde os mesmos se encontram uma vez por semana com a tentativa de esperançar na mudança de olhar pelos acolhidos.

Uma experiência diferenciada foi ter a liberdade de poder contribuir na abertura do projeto de oficinas. Ver no olhar deles, uma proposta de sonho que está aquém da realidade imposta a esses adolescentes. Tempo de reflexão e desafio. Trabalhando em formato de prevenção é que veio a proposta pedagógica das oficinas com as mais variadas áreas do conhecimento, a mesma teve por objetivo proporcionar uma perspectiva de futuro, uma preparação para suas escolhas profissionais com resultados concretos, que os fizesse refletir sobre suas vidas e pensar que há possibilidade deles terem um resultado de vida diferente do que foi apresentado.

As oficinas e o acompanhamento escolar personalizado nos faz refletir sobre nosso poder de influência mesmo sendo em pequenas porções. A partir do fortalecimento do desempenho escolar, podermos vislumbrar uma perspectiva de futuro para adolescentes residentes em casa de acolhimento. Uma realidade bem distante de muitos da sociedade que nem sabem que os mesmos existem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada com as adolescentes tem sido ímpar, poder partilhar do pouco conhecimento que temos, e muito mais poder aprender com elas. Um formato diferenciado de viver a vida, não por escolha delas, mas por imposição da dura vida apresentada as mesmas. Conhecer a casa de acolhimento foi um divisor de águas, saber que

há um público esquecido pela sociedade que necessita da nossa atenção.

Assim podemos observar e trazer para a vida profissional uma melhor compreensão do modo de aprendizado deste público e de todos que tem a mesma dificuldade de aprendizagem que as mesmas. É necessário incluir pedagogos em sua gama de profissionais nas casas de acolhimento, que lhe dão com esses adolescentes, para auxiliá-los pedagogicamente em suas dificuldades educacionais.

Neste texto trato dos excluídos acolhidos, como forma de expressão quanto a sua exclusão de todos os contextos. Mesmo retirados do local de vulnerabilidade, isso não os garante o nome que leva essas casas “casas de acolhimento” porque mesmo acolhidos os mesmos continuam a experimentar a exclusão em todos os âmbitos da sociedade.

É preciso repensar o modelo de cuidado, de educação. É preciso permitir-se ser afetado através da humanização e afetar o outro com sua influência, acreditar que é possível à transformação através da educação. É preciso profissionais qualificados para estarem nestes locais, tão vulneráveis de amor e afeto, compaixão e cuidado, respeito e compreensão da cidadania.

A inclusão é um processo integral que envolve a superação efetiva das condições políticas, econômicas e sociais. Pensar a educação é rever as prioridades do país e ajustá-la em conformidade aos interesses públicos, se para o desenvolvimento e crescimento dos menos favorecidos ou se para a negação deste direito. Refletir com compromisso as casas de acolhimento é rever as políticas públicas que se antecedem as casas de acolhimento. Para que não sejamos reprodutores de vulnerabilidade social, através da incapacidade de dar melhores condições de vida para as famílias do nosso país.

REFERÊNCIAS

CAPELATO, Ivan Roberto. **Educação com Afetividade**. Coleção jovem voluntário, escola solidária. Fundação educar Dpaschoal, disponível em: <http://www.voluntariado.org.br/sms/files/col_faca_parte_11.pdf>. Acesso em 16 out. 2016.

ECA. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> acesso em 11 de set. 2017.

FURTADO, Q. V. F. **Jovens na educação de jovens e adultos: produção do fracasso e táticas de resistência no cotidiano escolar**. João Pessoa: Ed. CCTA UFPB, 2015.

G1 PB. **PB tem 116 denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes**. Reportagem 18/05/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/05/pb-tem-116-denuncias-de-violencia->

[sexual-contra-crianca-e-adolescente.html](#)> acesso em 21 de jul. 2017.

G1 PB. **Paraíba registra mais de 130 casos de estupro de vulnerável em 2015.**
Reportagem 13/03/16. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/03/paraiba-registra-mais-de-130-casos-de-estupro-de-vulneravel-em-2015.html>> acesso em 11 de set. 2017.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GENTILLI, Pablo. **O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina.**
SciELO, 2009. Acesso em: 28 ago. as 17:40hs, disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000400007>

LIRA, D. O. S; FRANÇA, M. H. O. **Afetividade e profissionalização na prática docente:**
Uma combinação possível? Publicado no V Secampo, site 2016.

RAOPORT, Andrea; DA SILVA, Sabrina Boeira. Desempenho escolar de crianças em situação de vulnerabilidade social. **REVISTA EDUCAÇÃO EM REDE: FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE - ISSN 2316-8919**, [S.l.], v. 2, n. 2, abr. 2013. ISSN 2316-8919. Disponível em: <<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/educacaoemrede/article/view/410>>. Acesso em: 03 abr. 2017.